

Mausoleos de D. Pedro I e de D. Ignez de Castro — Desenho de Nogueira da Silva

Commemoram estes funereos monumentos tristissima lenda de amores e desventuras. Esses dois tumulos são as ultimas paginas d'aquelle celebre episodio da historia portugueza, que inspirou ao immortal cantor dos Lusiadas os seus versos mais sentidos e mais bellos, tão bellos e tão sentidos, que em cada palavra se resumem apaixonadas phrases de amor, e em cada phrase lagrimas vertidas do coração, e suspiros saídos do amago d'alma.

A historia de D. Ignez de Castro e de D. Pedro I é um dos maiores desenganos, que os homens podem ter, de que as grandezas do mundo e as venturas da vida são, como espelho em que nos mirâmos, vaidosos, e que ao menor toque se quebra e desfaz; como flor que nos embriaga com seus aromas, e que um raio do sol faz murchar e fenecer; como luz que nos encanta e allumia, e que o mais leve sôpro apaga; como sombra que nos illude, e que passa sem deixar vestigio!

Era Ignez tão formosa de corpo, tão angelica de alma, de origem tão nobre, que pensaria quem a visse, que a fadára Deus para gozar no mundo paz e ventura. E ella propria, sem duvida, assim pensou, quando viu scintillar sobre a sua donosa fronte uma estrella brilhante, que dizia *grandeza e felicidade*.

O herdeiro de Affonso IV prendêra-se nos encantos de Ignez como o baixel que se prende nos parceis, para não mais os deixar senão feito pedaços pelas vagas do mar. E bem similhantes a estas, na braveza e na acção destruidora, foram as vagas do odio e da inveja, que vieram quebrar-se contra este mallogrado amor até o fazer soçobrar.

Pedro e Ignez viram desapparecer a felicidade, que apenas desfructaram como o sonho doirado de uma noite! Viram n'um momento fugirem-lhes todas as esperanças fagueiras como fumo que o vento leva, e se esvaece no horisonte!

O diadema de rainha, que amor sorrindo offerecia á bella Ignez, trocou-o a desdita em coroa de espinhos. E o throno que seu real amante lhe mostrava, como o logar onde haviam de brilhar um dia a sua belleza e as suas virtudes, converteu-lh'o fatal destino na fria pedra do sepulchro!

D. Pedro resistiu a tão duro golpe; pôde sobreviver á esposa, que amava como alma que era do seu corpo, porque lhe deram forças para a vida a sêde da vingança e a firme vontade de honrar a memoria d'aquella que, ainda além da morte, reinava como viva em seu coração.

Nas primeiras torturas da dor, D. Pedro, delirante e frenetico, accendeu o facho da guerra, e varreu com elle grande parte do reino de seu pae.

Depois socegou e resignou-se. Mas não era a resignação christã que o tranquillisára, nem a esperança de lhe volverem dias felizes. Resignou-se simplesmente a esperar tranquillo, que as leis da natureza o chamassem ao throno, para do alto d'elle assombrar o mundo com dois estrondosos exemplos da justiça mais severa e do amor mais saudoso.

O tempo correu ligeiro; D. Affonso IV desceu ao tumulo oppresso por um grande remorso; e D. Pedro I subiu ao throno com o pensamento fixo de vingar e honrar a sua Ignez.

O supplicio dos assassinos foi dos mais horriveis, que os homens tem inventado para satisfação da vindicta. E D. Ignez de Castro teve uma verdadeira apotheose! maior, muito mais solemne do que a de Julio Cesar, porque aquella foi unica na historia das nações.

Declarado o consorcio de D. Pedro com D. Ignez; justificada a legalidade d'este acto, e reconhecidos co-

mo legitimos os fructos de tal união, foi o cadaver da desditosa esposa tirado da cova em que jazia na egreja do mosteiro de Santa Clara de Coimbra.

Depois, vestido com roupas magnificas, cingida a fronte com o regio diadema, sentou-o D. Pedro I junto a si no throno dos reis de Portugal. E logo começou a ceremonia do beijamão com apparato até alli não visto (25 d'abril de 1361).

Toda a corte, os prelados do reino, todos, por assim dizer, quantos no paiz representavam grandeza, auctoridade e illustração, ahi se acharam congregados para reconhecer e prestar homenagem, como sua rainha, ao cadaver de D. Ignez de Castro.

O acatamento da realeza, o respeito religioso para com os finados, a recordação de tamanho e tão immerecido infortunio, e finalmente a vista d'essas tristes reliquias de tão peregrina formosura, diffundiam em todos os semblantes singular expressão de reverencia e de recolhimento, com que a ceremonia se tornava mais solemne e grandiosa.

Em tão numerosa assembléa um unico rosto se via radiante. Era o del-rei, cujos olhos reflectiam o prazer que lhe trasbordava d'alma; cujos labios pareciam dizer n'um soberano e ligeiro sorriso—*venci os seus inimigos, venci seu destino fatal, triumphou o meu amor da propria morte; coroei-a rainha, e reparti com ella o meu throno.*

Acabado o beijamão seguiu-se a trasladação da rainha para o mosteiro d'Alcobaça. As pompas funebres d'este acompanhamento egualaram a magestade d'aquella ceremonia. Nunca em Portugal se viu coisa similhante, nem antes, nem depois.

Formavam o prestito centenares de pessoas a cavallo e a pé. Rompiam a marcha muitos ecclesiasticos a cavallo, seguiam-se grande numero de cavalleiros com os semblantes escondidos em disformes e pesados capuzes, e muitas damas nobres envoltas em longos mantos, que rojavam pela terra, e alvos como a neve, que era essa então a côr que symbolisava o dó. [1]

Depois ia a liteira com o feretro, toda coberta com um panno de brocado, cujas pontas arrastava pelo chão. Atraz da liteira cavalgavam os prelados e mais clerezia, depois elrei e os fidalgos da corte.

Em todo o trajecto de Coimbra a Alcobaça (85 kilometros), caminhou sempre o funebre cortejo entre duas fileiras de brandões accesos, que muitos milhares de homens empunhavam. Foram dias sem noite todos os d'essa jornada; e, como diz Faria, duvida-se qual era mais admiravel, se a pompa das luzes, que estavam fixas, se o luzimento da pompa, que caminhava.

No mosteiro d'Alcobaça, feitos os officios e absolvições, foi o real cadaver novamente collocado em um throno, e D. Pedro sentando-se outra vez a seu lado, fez repetir com toda a solemnidade a ceremonia do beijamão. E assim que terminou foi depositada a rainha D. Ignez de Castro em um soberbo mausoleu, que seu esposo mandára erigir na egreja do mosteiro, entre outros tumulos reaes.

Satisfeitos assim o amor e a vingança, as duas violentas paixões que lhe tinham absorvido todas as potencias da alma, cuidou logo D. Pedro em fazer construir um sepulchro para si junto d'aquelle que encerrava as cinzas de sua amada.

Esses dois monumentos são ricos de variados primores de arte, como o são de bem diversas recordações historicas.

Levantados na segunda nave do cruzeiro d'aquella egreja, entre os tumulos dos reis D. Affonso II e D. Affonso III, das rainhas D. Urraca e D. Brites, e de alguns infantes, sobresaem a todos em belleza e magnificencia.

São ambos de marmore branco, e cobertos por todas as partes de figuras e delicados relêvos, que a gravura que juntâmos não mostra bem. Sobre as tampas estão deitadas as estatuas dos dois soberanos, de proporções naturaes, e ataviadas com as insignias da realeza. Em torno das estatuas vê-se coros de anjos, ajoelhados e de mãos postas, como em oração, e expressando no rosto tamanha piedade e ternura, que parecem condoídos e magoados do infortunio dos dois amantes.

As caixas são similhantes na architectura, mas differentes nas figuras que as guarnecem em meio relêvo, e mettidas em nichos ogivaes.

O tumulo de D. Ignez repoisa sobre oito anjos, orando tambem, e de joelhos. O de D. Pedro descança em cima de quatro leões.

I. de Vilhena Barbosa.

TRES CARTAS

III

(Conclusão. Vid. pag. 211)

A maior impressão da minha vida estava-me reservada para o ultimo dia da minha estada n'aquella cidade, porque só no ultimo dia fui a Sydenham. Ainda n'este momento, ao escrever esse nome, a minha mão treme, e povoa-se de recordações a minha alma. N'uma manhã atravessa-se atravez dos seculos, pelos paizes e pelas maravilhas de toda a edade. São jardins encantados, parques, palacetes, por onde se vae atravessando as epochas até ao tempo fabuloso. Eis-nos em Babylonia, em Memphis, em Pompeia, na Alhambra, na Australia. Não tem assistido á representação de certas magicas em que um personagem da vida real passa por todos os encantamentos que lhe ministra o poder de uma fada benefica, e depois de percorrer o mundo como principe, graças á flor, á vara ou á romã de condão, se encontra de novo na choupana da sua aldeia, e leva as mãos aos olhos, como para se convencer que os tem abertos, e que está vendo de novo o logar d'onde partiu? — De onde vim eu? O que fiz eu? Onde estive eu? — perguntam estremunhados esses principes de phantasia; e, quando a gente sae d'aquelle museu faustuoso em que o mundo de todas as edades parece haver-se agrupado debaixo de um tecto de vidro, pergunta tambem a si propria, hesitando em reconhecer a vida positiva no momento de entrar outra vez n'uma carruagem de caminho de ferro: — Onde estive eu? O que fiz eu? D'onde venho eu? — O palacio de cristal é a coisa que a Inglaterra tem creado de mais original, e a coisa mais original que tem creado o mundo; já vê que não poderia descrever-lh'o senão prejudicando a sua illusão, meu amigo, e deturpando o merito da maravilha por excellencia do nosso tempo.

Voltemos ainda esta noite a Covent-Garden, para ouvir, ou antes para ver Mario, visto que, ao que se affirma, o mais illustre tenor que tem deliciado um publico está hoje tão velho e gasto, que já não consegue fazer-se ouvir! — e âmanhã ás oito horas estarei na estação Victoria para partir de Londres.

Vou esta noite para os logares do amphitheatro, que correspondem aos logares de galeria no nosso theatro de S. Carlos; são os unicos onde póde ser-me dispensada a casaca, que já metti na malla. Vou ás oito horas para a porta da rua, como toda a gente, aguento o apertão, como toda a gente, e vou lentamente pela escada acima, levado nas azas da multidão ingleza, que são os cotovelos! O logar custa dois schellings e seis pences, seis tostões, e dá regalado

[1] N'aquella epocha não só a côr branca, mas tambem a almáfega e o burel eram signaes de dó. A primeira vez que n'este paiz se usaram como lucto vestes pretas foi pela morte do principe D. Affonso, filho unico del-rei D. João II.

commodo: um inglez que está por traz de mim põe um pé em cima do meu hombro, o que ainda lhe dá melhor commodo a elle: a orchestra rompe a alegre symphonia do *Barbiero de Siviglia*, e d'alli a um momento, Mario, o celebre Mario, o tenor dos tenores, o artista que tem inspirado tantas paixões na scena como nos camarotes, appareceu embuçado no seu emprehendedor capote de Almaviva.

Propuzera-me a ouvil-o, preparado pela curiosidade triste que se interessa pelos athletas envelhecidos, em quem o geito e a coragem substituem a força. Esperava uma agonia musical. Mario é o nome do artista, que sempre me produziu mais impressão, não só pelo que li do seu merecimento, mas pelo que ouvi da sua vida. Já de si este nome «Mario» me parece disposto a ficar de idéa a cada um. *Enfant gâté* da sociedade, as senhoras interessaram-se sempre por elle, e ao mesmo tempo, caso raso, os homens. Mais bem pago do que quatro marechaes, viveu sempre como um rei, esse cantor que tem por tantos annos conservado a França e a Inglaterra suspensas dos seus labios, e cujo timbre de oiro tem feito vibrar as mais delicadas fibras feminis. Agora, cançado e velho, ha já um pouco de tempo que leio os prégadores das gazetas musicaes a pronunciarem-lhe a oração funebre, e ouço os gatos pingados do diletantismo a lastimarem o seu defuncto *dó!*

Appareceu, porém, esse famoso e enterrado heroe, e foi como uma resurreição. Eu nunca ouvi em minha vida voz mais sympathica, mais suave, mais educada pelo estudo e pela experiencia. A *serenata* foi cantada com um mimo, elegancia e gosto, de que não ha memoria para mim, desde que ouço Almavivas!

É certo que em opera de força elle não poderá já fazer-se tolerar; mas no Barbeiro de Sevilha, que se presta admiravelmente á sua voz e aos seus recursos de galanteria, é um prazer divino ouvil-o. E depois, que apresentação de principe, que maneiras de *gentleman*, que porte distincto e aristocratico! Não é um homem de theatro, é um elegante, é um cavalheiro, é um embaixador. Estava a olhal-o, e a sentir-me com pena, porque imaginava o que elle fôra pelo que ainda é, e deplorava o que elle vae ser; a decadencia do talento é o espectaculo mais triste de que ha noticia: d'aqui a dois dias ha de dizer com razão quem o estiver vendo: — «Então este tregeito forçado, esta careta, é que é o sorriso branco e côr de rosa que suscitava paixões?» — Mario devia retirar-se já da scena: sair a tempo é o grande segredo em tudo. A morte intelligente encarrega-se d'isso ás vezes para alguns privilegiados, porque os artistas, por via de regra, não tem força de se afastarem do lume da scena, que lhes aquece a velhice. Mario, honra seja feita aos inglezes, é tratado ainda com todas as attenções devidas a um monarcha que perdeu o throno, e por mais applausos que distribuam a Tamberlik, não se esquecem nunca que Mario foi Mario.

Dos mais artistas que vi n'essa recita, Delle Sedie, Chiammi e a Patti, pareceu-me esta ultima ser a unica reputação merecida. Ella é a cantora da moda e a gloria do momento. Formosa, joven, e de um canto cheio de execução, é todavia acolhida com um enthusiasmo mais de elegancia do que de espontaneidade, porque o seu methodo de *fiorituri* e *kikirikis* dá idéa do canto de um passaro, ou dos trinados de uma flauta aperfeiçoada, mas não de uma garganta humana. O ouvido deleita-se e agradece, mas a alma não chega a ouvir.

Saí no fim da tempestade do segundo acto, esse precioso trecho da rainha das *borletas*, querendo recolher-me ao auspicioso seio da hospedaria Granara, em que um hospede que recolha depois da meia noite faz sensação. Londres parecia uma cidade despovoada, aquella Londres gigantesca em que de dia se andava aos encontrões por entre a multidão, era uma coisa tão deserta, tão muda, tão sepulchral, como a mais completa das necropoles. E todavia estava viva. Era um cadaver enorme, cujas veias o sangue regava ainda, e que o dia ia galvanisar. As casas, que são escuras mesmo de dia pelo fumo do carvão de pedra, e parecem mergulhadas em reflexões profundissimas, estando de lucto pelo sol, dão idéa á noite de um tumulo para muita gente, um sepulchro com gavetas em que os mortos se accommodam, uns por cima dos outros!

De manhã, por entre os *cabs*, as carruagens, os cavallos, os omnibus, que de todos os lados se cruzavam, fui em procura de um vehiculo, conduzindo difficilmente o meu sacco-malla, acotovelado por aquella população monstruosa. O gigante acordára! exasperado de não poder accender o sol.

Espalhei a vista para Regent-Street que me ficava a dois passos á minha direita ao sair de casa. Fallo agora d'esse bairro, visto não haver fallado ainda. Regent-Street é o Chiado de Londres: dê-se-lhe, já se vê, as proporções razoaveis para uma cidade que é *um poucochinho* maior do que Lisboa. É uma rua larguissima, toda adornada de lojas magnificas de um lado e outro, lojas de ourives, armazens de fazendas, casas de modas, etc. Os *dandys* que não fazem nada e que não tem nada que fazer, por alli passam o seu dia, conversando, girando, *flanando*. Ás quatro horas é que Regent-Street toma a sua côr mais individualista, pela affluencia de senhoras que chegam de passear nos parques e que são certas alli a essa hora, para comprar, para ver, ou para passar.

Pois que fallei das senhoras da moda em Londres, não devo esquecer em elogio d'ellas e em louvor de Inglaterra, o referir quanto sabem conciliar a virtude santa da caridade, com as distracções, caprichos, e tonterias a que vivem de ordinario entregues os que só cuidam da vida *fashionable*. Aqui está o que a este respeito diz Amedée Achard n'uns artigos sobre Londres, que correm em linguagem publicados em folhetins do *Commercio do Porto:* « As mais fidalgas senhoras não se dedignam occupando-se dos hospitaes e das casas de caridade. Tem alli funcções officiaes no sentido rigoroso da palavra. Quando vão a casa de um negociante comprar pannos, roupas, comestiveis para os seus doentes ou pobres, não tem senão dizer a qualidade. A estas palavras « Senhora da caridade » a mercadoria é logo entregue pelo preço da compra. »

Agora aqui vae o que não diz Amedée Achard, mas o que me certificaram em Londres mesmo, depois de m'o haverem dito em Paris. Ha não sei em que rua menos afamada e menos da moda uma casa que tem um privilegio que maravilha os visinhos e faz scismar toda a gente: está sempre alli uma fileira de carruagens, e as senhoras opulentas, quasi todas moças, que se apêam, sobem alegremente áquella casa de uma muito mediocre apparencia, e de uma escada que deve ser escurissima. Vão procurar alli uma senhora edosa que tem duas filhas, e que deveriam chamar-se as tres irmãs da caridade. A mãe foi outr'ora directora de um collegio de meninas, estabelecidas hoje pela maior parte em magnificos casamentos. Gostam todas muito d'ella, chamam-lhe mamã, tratam-a por tu, e estão sempre a ir vel-a, assim como a suas duas filhas, que lhes foram companheiras de aula e de recreio. Estas tres senhoras, mãe e filhas, que pertencem ao culto protestante, conceberam um plano engenhoso de caridade privada, que as suas numerosas relações com uma sociedade opulenta e affectuosa lhes permittiram realisar de uma maneira que é para se dizer. Fundaram o que alli se chama *As dezenas:* é a reunião de dez familias ricas, que sustentam uma familia pobre. Das

antigas discipulas e amigas da casa parte este fundo de soccorros temporarios, que não se dirige a pobres *d'officio* ou de situação, porque d'esses occupa-se a caridade publica, mas a familias caídas em desgraça por successos imprevistos, e crises momentaneas, que as collocam n'uma situação difficil, e precisam ser auxiliadas por uns tempos. Isto, como bem se póde julgar, dá azo a historias commoventes e a verdadeiros casos de boa virtude. Ha mil romances seguramente a referir do que alli se tem passado. Conta-se um de uma familia burgueza, em que o chefe se arruinára em especulações commerciaes, e que chegára a vender até o leito dos filhos. As senhoras condoeram-se d'isto, animaram seus maridos a dar passos, e o homem foi collocado n'uma industria honesta, conseguindo restaurar os seus creditos, e ficando tão penetrado de gratidão e de desejo de poder pagar o bem que se lhe fizera, que resolveu fazer entrar sua mulher para a sociedade da *Dezena*, que os soccorrêra, e fel-a ir logo pedir esmola para outra familia que estava em naufragio. Tenho dito aqui da vida ingleza coisas para rir, e estimo poder contar esta que é de abençoar.

Em todo o caso, e isto é o que importa, parti ás dez horas da manhã. Eu estava tão contente de me ir embora, que o mar da Mancha não conseguiu fazer-me enjoar. Cheguei a Paris ás onze horas da noite, e fui logo, sequioso, tomar um sorvete no café Tortoni!

JULIO CESAR MACHADO.

PALACIO REAL DE BELEM

(Conclusão. Vid. pag. 217)

III

A quinta e jardins, ainda que dispostos, em geral, conforme o gosto antigo, são muito aprazíveis, sobre tudo, pela sua encantadora situação.

O jardim da frente principal do palacio é adornado por varias estatuas e lagos de marmore. As estatuas guarnecem a gradaria de ferro, que limita o jardim pelo lado do sul, coroando a muralha vestida de cedros, que deita sobre um estreito e comprido jardim, no qual ha tres pavilhões. Dois estão nas extremidades, e junto d'elles sobem duas escadas de pedra para o jardim superior. O terceiro está no centro, e mostra-o a gravura que acompanha a primeira parte d'este artigo.

Este pavilhão encerra uma sala com a abobada e paredes cobertas de bonitos relevos em estuques. Na parede do fundo tem uma engraçada fonte com sua estatua de marmore. Na da frente duas janellas para uma varanda; e nas lateraes duas portas de vidraças para o jardim inferior.

Fomos mais minuciosos na descripção d'esta sala, porque ella tem na historia de Portugal uma triste celebridade. Na manhã do dia 13 de janeiro de 1759 foram conduzidos para esta sala, e logo depois levados d'aqui para o patibulo, armado no meio da praça em frente d'ella, o duque d'Aveiro, os marquezes de Tavora, o conde de Atouguia, e outros réos complices no attentado do dia 3 de setembro do anno antecedente contra a vida del-rei D. José I.

Junto aos pavilhões em que termina o jardim de baixo, abrem-se dois porticos, que conduzem aos dois pateos já mencionados. D'estes ultimos o do lado do oeste é chamado *pateo dos bichos*, porque o cercam varias jaulas, hoje vasias, mas outr'ora povoadas de animaes ferozes.

N'este pateo estão dois portaes da quinta. Logo á entrada, no meio de um grande largo cercado de frondosas arvores, vê-se um bonito lago, de margens irregulares como se fôra natural, e debruadas de pedras de cascata, por onde trepam e se enlaçam diversas plantas rasteiras. O lago e as plantações que o acompanham, formando lindos grupos de arbustos pela maior parte exoticos, é tudo obra moderna.

D'este largo sobem para o jardim dos viveiros duas escadas de pedra, a que faz divisão uma gruta com sua fonte de marmore.

Tem o jardim no centro um lago de repuxo; na frente balaustrada de cantaria, que deita para o *pateo dos bichos;* da parte do occidente tambem balaustrada e a escadaria acima referida: pelo oriente corre uma galeria envidraçada, que communica este jardim com o salão de entrada do paço; e no fundo guarnecendo-lhe todo esse lado, que é do norte, erguem-se os dois grandes e magnificos viveiros, e a elegante cascata que os separa.

Os viveiros são divididos em muitos repartimentos, tendo cada um d'estes no meio um lago de marmore com repuxo alto, e n'elle uma taça para as aves beberem.

Tem os viveiros por coroa um gradeamento de pedra com estatuas e vasos, e formam-lhes os angulos fontes de marmore com estatuas da mesma pedra, e de proporções naturaes, representando personagens mythologicas.

A cascata é mais recolhida do que os viveiros, e tem coroa egual á d'estes. A meia altura, sobre a penedia por onde a agua se despenha, avulta a estatua colossal de Hercules esmagando a hydra de Lerna, bello grupo de marmore.

A quinta é toda cortada por compridas ruas, a que fazem parede buxo entretecido com folhado e louro, tudo toldado com a viçosa ramagem das arvores, que as orlam por ambos os lados.

Onde as ruas se cruzam abrem-se espaçosos largos, ou terreiros, e onde acabam levantam-se bustos de marmore branco sobre pedestaes de marmore cinzento.

O maior d'estes largos tem no centro, embebida na terra, uma estrella de pedra com oito raios, aos quaes correspondem outras tantas ruas que alli se vem encontrar. Adornam o dito largo, nos intervallos das ruas, vasos colossaes de marmore, sobre pedestaes da mesma pedra; e nos lados oriental e occidental dois grupos de estatuas em marmore, que vieram d'Italia. Um representa Cleopatra expirando nos braços da sua áia; e tem por baixo a seguinte inscripção: *Joseph Mazzuoli Senensi fecit Roma anno* MDCCXVII. Outro grupo symbolisa a caridade romana na figura de uma joven filha alimentando com o proprio leite a seu velho pae, que está maniatado. Na base do grupo tem esta letra: *Bernardim Ludovici Roma anno* MDCCXXXVII. No pedestal lê-se a inscripção que segue: *Quo non penetrat aut quid non excogitat pietas. Val. Max. Liv.* v. *cap.* IV.

Os espaços que medeiam entre as ruas do bosque são plantados de pomares.

No fundo da quinta, em terreno mais alto, amurralhado, com suas escadas de pedra, está a horta ajardinada, com um lago no meio.

Faz parede para a horta um vastissimo tanque guarnecido de passeio de lagedo com grades de ferro, e ornado com duas grandes estatuas de marmore, que se erguem do seio das aguas sobre dois elevados pedestaes.

Este tanque tem a fórma de um quadrilongo, e em todo o seu comprimento se levanta sobre elle *o palacio do pateo das Vaccas*, assim chamado por deitar uma frente para o pateo d'aquelle nome, que dá saída para a calçada da Ajuda.

O palacio com a horta, e mais alguns terrenos adjacentes, constituiam a propriedade que el-rei D. João V comprou, como dissémos, ao conde de S. Lourenço, e que tem sido denominada *quinta do meio. Quinta*

de Baixo é a que pertencia outr'ora aos condes de Aveiras. *Quinta de Cima* é aquella em que se edificaram os paços velho e novo da Ajuda, e onde se acha o jardim botanico.

No tempo em que el-rei D. José I morava no paço velho da Ajuda, estava occupado o *palacio do pateo das Vaccas* pelas secretarias d'estado. Foi á saida do portão do pateo das Vaccas que el-rei D. José foi accommettido pelos conjurados na noite de 3 de setembro de 1758, de que resultou ficar o soberano ferido gravemente.

No referido palacio esteve tambem o Archivo Militar do reino, e n'elle foi hospedado, em uma das suas visitas a Lisboa, sua alteza o duque Fernando de Saxe Coburgo, pae d'el-rei o senhor D. Fernando II. Em outubro de 1842 tambem habitaram n'este paço, durante a sua assistencia em Lisboa, o principe de Joinville e o duque d'Aumale, filhos de Luiz Filippe, então rei dos francezes.

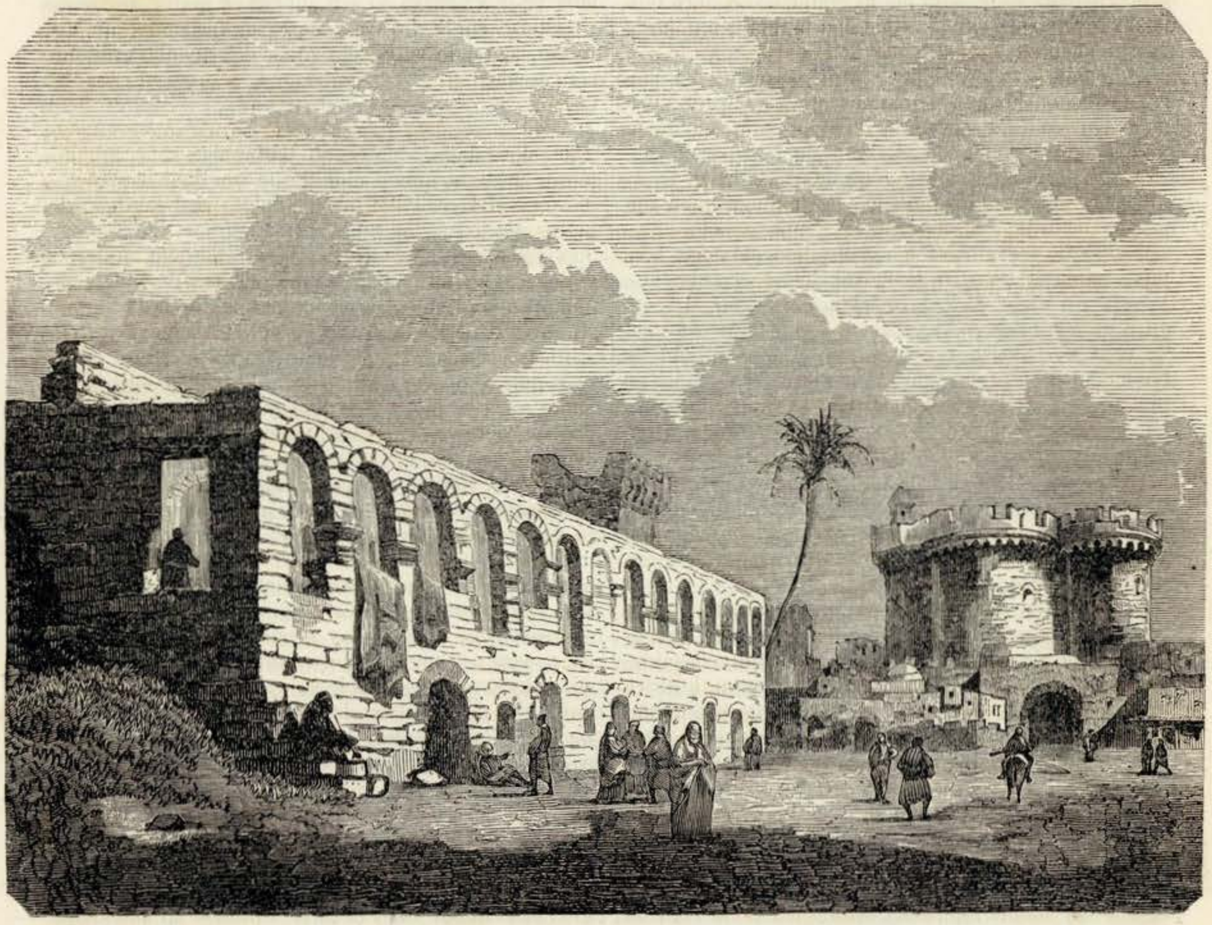
Em frente dos jardins do palacio de Belem está a praça outr'ora d'este nome, e actualmente denominada *de D. Fernando* II.

É uma vasta e formosa praça com um bello cáes de cantaria sobre o Tejo, que a banha em toda a sua extensão pelo lado do sul.

Foi começada por el-rei D. João V, e concluida por el-rei D. José I, que tambem a ennobreceu com o *palacio do picadeiro regio*, construido junto d'aquelles jardins pelo risco do architecto italiano Jacome Azzolini.

Além da execução do duque d'Aveiro e seus complices, foi theatro esta praça de mais dois successos notaveis da historia portugueza: o embarque dos jesuitas, expulsos de Portugal por decreto del-rei D. José, datado de 3 de setembro de 1759; e o embarque da rainha D. Maria I e de toda a familia real para o Brasil no dia 27 de novembro de 1807.

I. DE VILHENA BARBOSA.



Ruinas de um quartel dos cavalleiros do Hospital, em Rhodes

RUINAS DE UM QUARTEL DOS CAVALLEIROS DO HOSPITAL, EM RHODES

De uma viagem á ilha de Rhodes, publicada por M. Flandin, tirámos a gravura junta das ruinas do maior quartel que tiveram os cavalleiros da ordem do Hospital de S. João de Jerusalem, durante o periodo de 212 annos (1310 a 1522), e onde tantos cavalleiros portuguezes estiveram ao serviço da religião e da humanidade, como saberá quem lêr a *Nova historia da militar ordem de Malta e dos srs. grão-priores d'ella em Portugal*, por José Anastacio de Figueiredo, 3 vol. in-folio.

De todas as ordens creadas pelos cruzados quando conquistaram Jerusalem aos turcos, nenhuma foi mais louvavel que a denominada a principio do Hospital, por ter fundado o primeiro que houve n'aquella cidade para cura dos feridos no combate, e tratamento dos peregrinos que chegavam doentes á Terra Santa. Por isso estes cavalleiros foram chamados hospitalarios, em quanto se lhes não deu o nome das ilhas de Rhodes e de Malta, que tomaram para cabeças da ordem.

Quando dermos outras estampas da mesma viagem fallaremos do estado actual d'esta ilha, outr'ora tão celebre e opulenta, e hoje apenas memoravel pelas suas ruinas monumentaes, parte das quaes tem sido respeitadas pelos turcos, em cujo poder subsiste ha mais de tres seculos.

A VIRGEM DA COVA

TRADIÇÃO ARAGONEZA

I

Entre os montes gigantes que Deus levantou para dividir a França da Hespanha, ha um estreito valle guardado por cem picos altivos, como immoveis sentinellas, que o inverno adorna com flocos de neve, e o verão inunda com torrentes de azulada espuma. Os primeiros guerreiros que arvoraram o pendão da gloria contra as hostes arabes cingiram, n'aquelle sitio, com uma coroa, a frente de Garci-Gimenez, e desde o milagroso antro de S. João desceram como corrente impetuosa até ás planicies do Ebro fundando o reino de Aragão, que deu tantos triumphos á christandade.

Alli, onde as eternas neves brilham como diamantes, no cume de uma penha revestida de verde musgo, e em solitaria garganta, onde nenhum ser humano disputára jámais seu albergue ás feras, se levantava, nos seculos passados, o simples mosteiro de Santa Christina, hoje confuso montão de ennegrecidas ruinas.

O viajante encontrava n'aquelle modesto asylo bom leito, parca mesa e o mais affectuoso acolhimento. Quando no meio da tenebrosa noite silvava o vento entre as sombrias montanhas, e o mosteiro estremecia com os pavorosos echos que se repercutiam de monte em monte aterrando homens e feras, mais de uma vez se ouviam, no meio dos sublimes intervallos de silencio que deixa o vento cançado, ais longinquos e gritos de angustia no fundo do estreito valle. Os piedosos monges abriam então as ferreas portas do seu mosteiro, e precedidos de intelligentes e generosos cães, atravessavam as negras quebradas arrostando a violencia do furacão para voarem em auxilio do perdido caminhante.

Distinguia-se entre aquelles nobres solitarios, pelo fervor de sua caridade, o padre Raymundo de Artaso, antigo guerreiro da cruz, que abandonando os esplendores do seculo e impellido pelo remorso, buscára refugio em Santa Christina para chorar e expiar um crime ao qual fôra arrastado em sua juventude tempestuosa por uma paixão indomavel e a mais terrivel fatalidade.

Mas a recordação do amor que lhe envenenára o coração, e a imagem do rival sacrificado á sua vingança e aos seus zelos, entreappareciam-lhe continuamente na solitaria cella como phantasmas de impureza banhados em sangue, e perseguiam-n'o até em sonhos. A oração derramava-lhe n'alma suave balsamo; porém as espumantes ondas do mar procelloso do mundo iam despedaçar-se-lhe no asylo, e elle via ao longe entre o crepusculo do passado os dias da sua juventude com os seus sorrisos e prazeres, com as suas glorias e vaidades.

O angustiado penitente pedia á Mãe do mais puro amor, á Estrella da manhã que guia os navegantes, uma prova com que expiar os seus passados extravios, um sacrificio que lhe apagasse para sempre os remorsos. A soledade, o silencio e as vigilias ainda não tinham podido domar-lhe a entranhavel desesperação.

Uma noite achava-se prostrado nas frias lages do templo ante a imagem da Virgem, e julgou, ao erguer o rosto em um extasi de esperança, que a divina imagem lhe sorria, e que de seus labios se exhalavam estas palavras com dulcissima harmonia:

— Raymundo, as lagrimas do arrependimento lavam as manchas do peccado, e as tuas chegaram já aos degraus do throno de teu Redemptor como offerenda expiatoria. A tua alma recobrará por fim a paz que desejas, se cumprires o que, por minha boca, te determina meu Filho amado. No cume de Uruel, que domina a corte dos reis de Aragão, ha uma cova tenebrosa onde se alberga, entre asperas brenhas, um terrivel dragão, que traz apavorados os povos que habitam as abas do monte; e são tantas as suas victimas, que em volta do antro os ossos branqueiam o solo, e o sangue murcha as flores. Parte. Vae em busca de um guerreiro christão cuja espada livre esses povos do monstro, e tua alma descançará então para afugentar eternamente as recordações que a mancham e atormentam.

A voz calou-se, e o penitente conservou-se prostrado até que o rosado clarão da aurora illuminou o templo.

Raymundo empunhou o baculo do peregrino depois de receber a benção do seu abbade, e partiu, seguindo o tortuoso curso do Aragão que se despenha com estrondo, saltando entre as penhas e formando espumosas cascatas.

II

Dos levantados cumes do Collarada, soberano gigante, constantemente cingido de um diadema de nuvens, se desenvolvem, como manto real bordado de negros pinheiros, os montes de Canfranc, Borao, Garcipollera e Castiello, até se converterem em modestas collinas, que formam o primeiro plano do magnifico amphitheatro que se descobre das faldas do Uruel. O rio Aragão desce de norte ao sul, abrindo passagem entre as cortadas penhas; mas, como guerreiro victorioso que rompe as fileiras inimigas, torce-se rapidamente para as planicies de Verdun e Navarra, cantando a victoria com o harmonioso murmurio de suas aguas.

São mui limitadas as recordações historicas guardadas pelos estreitos valles que este rio banha; a gloria dos guerreiros christãos que fundaram o reino de Aragão jaz sepultada nas trevas dos seculos de ignorancia em que combateram aquelles homens de ferro, pois ainda que o tumulo singelo de S. João da Penha revele os nomes dos primeiros reis montanhezes, apenas restam alguns desmoronados torreões, vestigios de poderosos castellos, e as tradições que estão envolvidas nas sombras do esquecimento. Com effeito, que importancia podem ter para os seculos brilhantes da cavallaria os esforços d'aquelles monarchas, cuja corte era uma cova, e cujo reino comprehendia tão encurtado espaço, que um cavalleiro podia percorrel-o em duas jornadas? E comtudo, os obscuros guerreiros da cruz defendiam as suas montanhas contra as ondas de arabes, que por vezes, como maré viva, as inundava penetrando em França e voltando ás immensas planicies que se estendiam das abas dos dois Somontanos, e o throno aragonez apparecia então n'aquelle pelago tempestuoso, como o naufrago que as vagas queriam tragar com o lenho, e que sóbe á superficie do mar para devorar com a vista a longinqua praia.

Os agrestes valles que os pinhaes cobrem com triste e negrejante manto conservam tambem seus encantos no meio do silencio e da soledade. Quando o inverno annuncia com o silvo de gelados ventos que principia o seu lugubre reinado de nove mezes, gemem os ramos das arvores que já parecem esqueletos; calam-se as aves ou voam para outras regiões mais afortunadas; as nuvens amontoam-se; as feras saem de suas furnas e chegam até ás portas das cabanas; a neve cae lentamente, floco a floco, inundando rocas, bosques e quebradas, e o vento eleva-a em redomoinhos até ás nuvens, amontoando-a nos valles. Se o furacão se retira cançado no meio da noite, e apparece a lua com o seu cortejo de brancas estrellas, como brilha o gelo das torrentes! Como resplandecem nos

ramos milhares de gotas congeladas, que se movem ao sopro da brisa, e similham estrellas semeadas na terra! E no verão, quando o mundo acorda de seu somno, os bosques convertem-se em morada de mil seres que voam, se arrastam ou saltam entre cantos, gritos e murmurios. O corvo grita eternamente na ramada dos carvalhos, desafiando a pomba silvestre; a aguia descreve circulos no firmamento para fascinar a sua preza, e milhares de insectos voam zumbindo entre as arvores, ou se arrastam pelo cespede com fórmas variadas, brilhantes vestes e caprichosos rodeios.

Era uma tarde do mez de agosto quando o peregrino de Santa Christina cruzava o bosque que levava ao castello do conde Ramiro Sanchez, situado nas margens do Aragão, em uma collina onde hoje assenta uma pobre aldeia que conserva o nome primitivo. Os ultimos resplandores do crepusculo davam côr rosada e sanguenta ás escalvadas rocas; os pinhaes e as nuvens, a cigarra e a rã formavam com os seus monotonos cantos e zunidos um surdo rumor, que ás vezes afogava a voz do rio, que ora bramia, ora gemia, já sumindo-se em profundos abysmos, já apparecendo em espumantes cascatas, para se despenhar nos valles e inundar a terra.

Raymundo seguia o seu caminho extenuado, mas pensando sempre na visão divina, e murmurando algumas orações. A noite envolvia já com as suas sombras os altos montes e o estreito valle por onde corria impetuoso o rio, quando chegaram aos seus ouvidos, entre o murmurio da brisa e de um arroio que descia da collina, cantares, gargalhadas e gritos de alvoroço que o echo repetia na concavidade das penhas.

Á incerta luz que derramava, expirando, o crepusculo, viu no outeiro a sombria muralha de um castello, e momentos depois brilharam nas ameias luzes phantasticas, entre as quaes appareciam fórmas humanas.

O conde Ramiro Sanchez vivia n'aquelle castello, odiado de todos os guerreiros christãos; e ainda que estava ligado por laços de parentesco ao monarcha Sancho Ramirez, que alguns annos depois morreu no sitio de Huesca, nunca se apresentava na corte nem no acampamento. Passára a mocidade em Cordova, captivo do califa, e alli se lhe obliterára a fé de seus maiores; regressára á patria trazendo o coração envenenado pelas falsas crenças dos dominadores da Hespanha, e acompanhado de formosas escravas.

Quando o afflicto peregrino chegou á muralha do castello e pediu hospitalidade com voz lugubre e doente, o conde, seus vassallos e escravas, achavam-se em volta de uma mesa coberta de manjares e vinhos, e celebravam, com descompostas canções e desenvoltas posturas, as delicias da orgia.

— Senhor — disse um soldado entrando na sala do festim e aproveitando-se de um intervallo de silencio — um pobre monge pede hospitalidade. Abrimos-lhe a porta do castello?

— Um monge! — exclamou o conde com assombro. — Ignora acaso que o senhor d'este castello é o conde Ramiro Sanchez, a quem chamam o condemnado? Deixae-o entrar. Será algum fervoroso prégador que vem converter-me, e, por minha vida, que um sermão é deliciosissimo episodio em nosso festim!

Raymundo entrou na sala do banquete. Não pôde logo distinguir os objectos que o cercavam, porque os seus olhos, costumados á escuridade, ficaram assombrados com as luzes de innumeras lampadas que pendiam das abobadas. Pouco a pouco as suas vistas alternadamente se fitaram nos rostos alegres do conde, de seus vassallos e das formosas moiras, e então recordou-se do que a voz publica dizia a respeito do conde Ramiro Sanchez.

— Sentae-vos, bom padre, e ceae. Que fim vos obriga a viajar só e de noite?

Raymundo narrou com singelas phrases a historia da sua vida, o seu arrependimento, a provação que o ceo lhe impozera, e o seu intento de ir de cidade em cidade, e de castello em castello, procurando um esforçado cavalleiro que, com o auxilio de Deus, se decidisse a dar morte ao monstro que se abrigava nos antros de Uruel.

Geral e ruidosa gargalhada acolheu a narração de fr. Raymundo.

O monge levantou-se do sitio que occupava ao lado do conde, e com voz robusta increpou Ramiro Sanchez por sua vida desregrada e immoral. Os gritos, o canto e os risos emmudeceram ao ouvirem a voz do monge.

— Amaldiçôo-vos! — lhes disse, e atravessou a sala com rosto tranquillo e gesto sublime.

Os vassallos abriram-lhe passagem com respeito, levantou-se a ponte do castello, e Raymundo seguiu no meio das trevas a tortuosa senda que desce para o rio.

Passado o primeiro assombro, a orgia continuou do mesmo modo, e o vinho e a algazarra embriagou as almas dos convivas e desatou-lhes as linguas para as imprecações e as blasphemias.

A discorde e rouca gritaria cresceu, cresceu até que o somno cerrou com mão de chumbo as agitadas palpebras, e damas e donzeis jaziam vergados áquelle peso, já nas brandas poltronas, já sobre a mesa, e pronunciando, entre sonhos, gritos de guerra, ais de amor ou horriveis maldições.

Era meia noite quando um sinistro estrondo os arrancou de seu somno, e ao abrirem estremunhados olhos, viram a estancia inundada por vermelho clarão e densa nuvem de fumo. Ardentes chammas envolviam como infernal monstro a lavrada abobada, e cem labios gritaram ao mesmo tempo atterrados:

— Fogo! fogo!

E abateram as muralhas com horroroso estampido; e debalde as damas e os donzeis correram de estancia em estancia absorvendo o amargo fumo d'aquelle imprevisto incendio...

Todos succumbiram.

Mas o conde salvou-se. Foi o unico.

O poderoso castello converteu-se em fumegantes ruinas.

A aurora do dia seguinte allumiou esta scena de desolação.

Soltou-se uma lagrima dos olhos do conde, cujos joelhos se dobraram á angustia e ao arrependimento que lhe opprimiam o coração. O impio guerreiro orou largo tempo, levantando para o ceo as trémulas mãos. Depois tomou uma firme resolução. Não encontrando ao lado a espada que sempre o acompanhava, desceu á aldeia que humildemente assenta na falda da collina, vestiu a armadura, montou o corcel de um de seus vassallos, e partiu quando o sol assomava, seguindo o curso do rio que se precipita alli entre os dois Repitanes.

III

A maravilhosa historia do dragão vencido por um cavalleiro, que em alguns pontos é um simples mortal, e em outros um santo ou um heroe desconhecido e sobrehumano, encontra-se nas tradições de quasi todas as nações christãs, e até nas lendas dos povos do Norte, onde tem dominado a religião de Odin. O monstro é em toda a parte um animal phantastico em fórma de dragão alado; o espaço que rodeia o seu antro está branqueado com os ossos das victimas, e ligando n'alguns povos a crença da cavallaria com o pensamento religioso, o premio do vencedor ha de ser necessariamente a mão de alguma formosissima prin-

ceza, a qual se apresentará com toda a corte a presenciar a lucta em sumptuoso palanque.

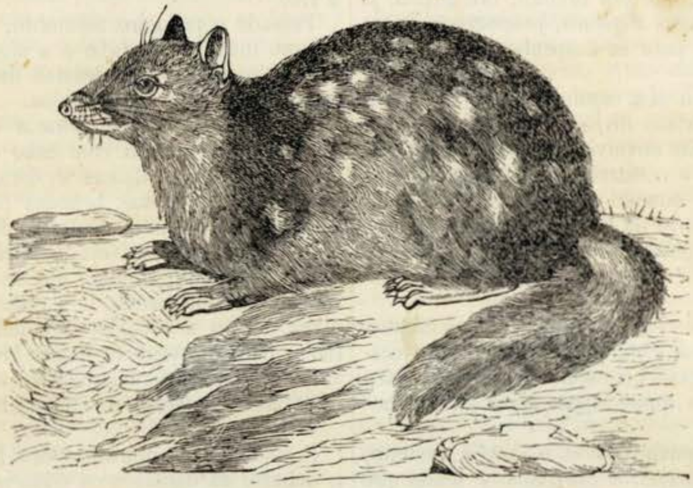
Na edade media a tradição estava tão arreigada na Catalunha, que chegára a conquistar a força de um facto historico a victoria do dragão de Vallés por Soler de Vilardell, cuja espada, segundo se conta, offereceram ao rei de Aragão, D. João II.

Qual é a origem d'esta portentosa lenda, a que se attribuem tantos povos e referem de modo tão analogo, ainda que differençando-se nos pormenores? Não falta quem assegure que o monstro e o heroe personificam o bem e o mal; outros, com melhor fundamento, vêem no dragão o islamismo, e no santo ou no cavalleiro o christianismo vencedor nos campos de batalha, e os que buscam nas tradições uma origem de poesia, attribuem a d'esta á exaggeração da narrativa de luctas com as feras que povoavam antigamente, em grande numero, os bosques catalães.

Mas como o nosso fim não é averiguar a verdade de successo tão prodigioso, senão recordar a historia tal como a contam no primitivo reino de Aragão, como a ouvimos referir com enlêvo nos felizes e risonhos annos da mocidade, da boca de uma querida mãe que hoje descança em paz, e como a vimos, representada na cova de Uruel em tosco quadro traçado por mão de artista devoto da Virgem que alli se venera, continuaremos esta lenda com a satisfação que se sente ao evocar recordações de edade mais feliz, mais tranquilla, e principalmente mais innocente. As boas lembranças são o thesouro da alma, e as santas crenças da meninice o consolo mais puro do coração.

IV

Seguindo o curso do Aragão encontra-se na margem do rio a ermida de S. Christovão, e subindo uma suave pendente chega-se á pittoresca planicie onde se erguem a cidade de Jaca e a cathedral bizantina, que Ramiro I fundou no anno 1000, cercada de aldeias que assentam na falda das proximas collinas suas casas alvas como neve. Na parte meridional do valle descem do sombrio Uruel pequenos e buliçosos arroios; pela orla de um d'elles sóbe o caminho que leva á ermida de S. Salvador, antiquissima egreja escondida nas abas do monte.



Sarigueia bicolor

Raymundo Artaso seguia extenuado aquella senda, que se torce para o occidente, a fim de cercar as vertentes do Uruel, e trepava por entre as rocas e sob os agrestes pinheiros. Na base meridional do monte encontrou um pastor, que do cimo de uma penha, e apoiado em nodoso cajado, guardava o rebanho que pascia na odorifera herva que vigora á sombra de espinheiros e buxos.

— Onde ides, bom padre? — lhe perguntou o pastor com assombro. — Ignoraes que entre aquelles penhascos cortados está a cova onde se alberga o dragão, que é o terror da comarca? Retrocedei, ancião, se não estaes desesperado e não quereis servir de pasto á fera.

— Deus me auxiliará — respondeu Raymundo; — quem acredita n'Elle e só teme o Seu nome, sairá illeso dos monstros da terra e de seus abysmos. A cruz esmagou a cabeça da serpente, e ante o seu fulgor desapparecem os inimigos dos homens.

— Ignoraes — continuou o pastor — que o brilho de seus olhos deixa prostrados no solo os homens mais atrevidos? Quem ousou nunca escutar os seus bramidos, que retumbam como o trovão na caverna onde se occulta? Ousados cavalleiros, coberto o corpo de aço e escudada a alma por generoso brio, tem vindo reptar o monstro, porém as armas lhes caíram das mãos ao vel-o aproximar e pagaram com a vida seu louco desafio. Fugi, fugi, e voltae por esse caminho que leva a Vernúes.

— Deus me guiará — repetiu Raymundo, e continuou a subir pelo monte.

(Continúa)

SARIGUEIA BICOLOR

Já dissemos [1] que as femeas da numerosa tribu dos marsupiaes tem a singularidade de darem os filhos á luz ainda em embryão, recolhendo-os no bolso que lhe rocobre parte do ventre, para alli, com o leite e o calor materno, completarem a sua desenvolução.

Agora diremos, que a sarigueia bicolor, cuja estampa inserimos no texto, pare os filhos do tamanho de favas, que vão logo pegar-se aos uberes da mãe, que são treze dispostos em circulo. Alli se conservam até chegarem ao tamanho de ratos, saíndo então para procurar o sustento. Ainda assim, quando a mãe teme algum perigo, torna a recolhel-os no bolso.

A natureza, tão providente para com a prole dos animaes, talvez não nos offereça nenhum exemplo mais notavel dos seus infinitos meios de preservar a propagação.

A sarigueia bicolor tem a figura de um gato, o pello é basto e lanoso, mesclado de pardo e branco; a cauda, mui felpuda, tem 30 centimetros. O corpo mede 40 centimetros de comprimento.

Nasce e vive na America.

[1] A pag. 119 d'este vol.